

A PANDEMIA E OS IMPACTOS NA EVANGELIZAÇÃO: Será preciso *refundar* a Igreja?

Isidoro Mazzarolo

Resumo

A pandemia, com o Covid-19, degenerou as relações tradicionais de Igreja, culto e presença. As igrejas já contavam com muitos que não frequentavam mais os templos e as cerimônias religiosas, especialmente entre as novas gerações. O que farão os padres depois da pandemia? Irão eles reaprender os caminhos da evangelização dos tempos apostólicos?

O discipulado é uma aliança entre o Mestre e seus seguidores. Será que muitas igrejas se tornarão museus ou espaços para turismo cultural?

Palavras-chave: *Antiga e Nova Aliança; Discipulado; Evangelização apostólica; Igreja e pandemia; Eucaristia.*

Abstract

The pandemic, with Covid-19, degerenated traditional relationship of Church, worship and presence. The churches already had many who no longer attended temples and religious ceremonies, specially among the new generations. What will do the priesters after the pandemic? Will they to relearn the ways of evangelization from the apostolical times?

Discipleship is an alliance between the Master and his followers. Will many churches become museums or spaces for cultural tourism?

Keywords: *Old and new Alliance; discipleship; Apostolic times; Church and pandemia; Eucharist.*

Introdução

A pandemia do *Covid-19* já está gerando impactos duríssimos nas estruturas eclesiais e teológicas das igrejas. Antes dessa crise, havia dificuldades de cativar novos fiéis e, não raro, muitas igrejas contavam as desistências das práticas ordinárias e, acima de tudo, as participações concretas econômicas e pessoais. As

igrejas viviam em crise porque acreditavam apenas nos “juros” do processo de evangelização do passado.

Na instituição dos discípulos, Jesus constituiu, primeiro um grupo de 12, e depois, anexa outro grupo de mais 72 (cf. Lc 9,1-6; 10,1-16). É a estruturação das comunidades primitivas, de grupos evangelizadores, de igreja em missão ou igreja *em saída*. A encíclica do Papa Francisco *Evangelii Gaudium* fundamenta-se no mandato de Jesus de ir pelo mundo e tornar todas as nações discípulas (Mt 28,19-20)¹.

Seguindo o mandato de Jesus, as mulheres e os homens dos primeiros tempos deixavam seus pais, sua parentela e muitos dos seus afetos para sair em missão. Paulo constituiu uma rede de igrejas irmãs que partia da Síria (Antioquia) até a Grécia, e tinha profundas relações de compromisso com todas elas. Se algumas eram mais ricas, tinham um imperativo ético de ajudar as mais pobres, como ocorreu com a igreja de Jerusalém, para a qual fez diversas coletas (At 11,29; 1Cor 16,1).

Na carta aos Gálatas, Paulo relata que no acordo de Jerusalém, sobre a evangelização dos pagãos (At 15,5-35), diante das *colunas da igreja*, Pedro, Tiago e João, ele e Barnabé, estavam autorizados a ir entre os pagãos, respeitando sempre os vínculos da comunidade apostólica, mas deveriam *lembrar-se sempre dos pobres* (Gl 2,10).

Hoje, início de 2021, após um ano de fechamentos de igrejas, santuários e templos, o afastamento dos fiéis exige uma evangelização para fora, uma nova igreja voltada para o mundo, uma igreja da Nova Aliança. Nosso artigo se propõe a refletir três aspectos bíblico-teológicos: 1. Aliança Antiga; 2. Nova Aliança; 3. Evangelização apostólica. Conclusões.

1. A Aliança no Antigo Testamento

A palavra *aliança* com os seus diferentes significados e com sua evolução através do espaço e do tempo entra lentamente na vida do povo de Israel, com a tradição mosaica, no Sinai (Ex 20,1s), e depois com Esdras (cf. Esd 10,3-17). Este, no retorno do exílio babilônico, vai emprestar à história desse povo um valor social e religioso determinante para sua própria constituição como nação. Um lugar provável dos primeiros *ensaios* da *berit* pode ter sido nas refeições comunitárias normais, que depois vão recebendo um caráter ritual (cf. Gn 26,26-31). As transformações diversas da vida da comunidade foram modificando os atributos da aliança. O conceito jurídico da aliança vai enlaçar os participantes a uma obrigação ou penhora: *Far-vos-ei passar sob o cajado e vos reconduzirei ao respeito à Aliança* (Ez 20,37).

1. FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*, n. 19.

A ideia de obrigação vai aproximar o conceito de *berit* ao de mandamento, ou seja, a *berit* vai ser algo que é ordenado, imposto sob coação ou condição *šawah berit* (= ordenar a *berit*, cf. Ex 39,32; Lv 7,38; Dt 12,31; 30,16) com sabor de prescrição, conforme lembra o texto de Juízes (2,20b): *Porque este povo transgrediu a Aliança que eu havia prescrito a seus pais e não escutou a minha voz.* Este verbo *šawah* (ordenar), algumas vezes usado no tempo intensivo², assume o significado de imposição ininterrupta: “Ele envia a libertação para o seu povo, impondo a sua aliança para sempre” (Sl 111,9). Outro termo que, em princípio nada tem de prescritivo, mas que ao adjetivar a aliança, confere-lhe este significado é o adjetivo *olam* (eterna, perene). Neste caso ela passa a ser entendida como um compromisso imposto, em virtude da libertação que *Yahwh* realizou em favor de seu povo, não com o caráter transitório, mas definitivo e permanente, vinculado à liberdade que o povo alcançou de modo gratuito de *Yahwh* no Êxodo.

A Libertação como ação de *Yahwh*, exige uma resposta religiosa do povo ao Libertador. Ela contém, concomitantemente, um atributo jurídico e, em determinados períodos da história, assumiu um valor quase exclusivo de *Lei* (cf. Dt 4,13;33,9; Is 24,5; Sl 50,16; 103,18). Na ótica da *berit*, como *Lei*, muito se fala em consequências (cf. Ex 19,5; Dt 30,10; Jr 31,10). A proposta espera resposta. Os resultados são positivos para quem é fiel às suas prescrições e negativas para quem não mantém fidelidade. Por outro lado, pouco se fala da liberdade de entrar ou não em aliança. Um dos textos mais claros na expressão da liberdade de assumir ou não a aliança é o da chamada aliança de Moab, na qual se diz explicitamente que as *consequências estão condicionadas* pela observância ou não dos preceitos (Dt 30,10.16-17). Neste texto, o Autor usa o termo *kî* (se), dando à Aliança um caráter de condicionalidade. Quando o pacto acontece, como consequência da libertação, cria para o povo de Israel uma determinada vinculação, que algumas vezes manifesta um relacionamento de *Yahwh* como proprietário e do povo como propriedade, em virtude da libertação (Ex 6,7; Lv 26,12-13). Foi Deus que ouviu o clamor do povo e desceu para libertá-lo (Ex 3,7-12).

O Antigo Testamento impregna a aliança com caráter de preceito — *mishpat* (Dt 4,22) e gera uma relação de *autoridade x obediência*. De um lado está *Yahwh* protegendo a sua *vinha* (Is 5,7) e do outro está o povo, ao qual cabe obediência e a submissão³. Guardar a Aliança é uma condição ou um imperativo de sobrevivência para Israel.

Dependendo de como assumimos ou interpretamos a relação *Yahwh*-povo, teremos a determinação do tipo de aliança. G. Mendenhall define a Aliança mosaica como um *feixe de obrigações*⁴. Neste caso, a aliança passa a ser com-

2. No hebraico a conjugação do *Piel* expressa a ação intensiva.

3. BUIS, P. *La Notion d'Alliance dans l'Ancient Testament*, 64.

4. MENDENHALL, G. *Law and Covenant in Israel and the Ancient Near East*, p. 37.

preendida como unilateral, pois *Yahwh* tem direitos adquiridos pela libertação, e o povo tem obrigações de hipoteca ou pertença pela mesma. Para D. McCarthy⁵, a aliança como lei é o instrumento necessário para congregar o povo num período em que se faz a passagem da estrutura tribal para uma confederação política e religiosa baseada na fidelidade à mesma divindade e à convergência ao mesmo santuário centralizado.

O conjunto de elementos religiosos determinados como válidos para toda a confederação das tribos torna-se, de um lado, um feixe de prescrições integrador da *fé e da política* e do outro, a expressão do *sacral e do legal*. Percebe-se que o contexto explicita o conceito. A integração dos dois polos da vida (sacro e profano) confere harmonia à vida do povo. O *leitmotif* da Aliança que engloba o político e o religioso prioriza o religioso, ou seja, o religioso aglutina o político⁶. Na verdade, a gratuidade e as prescrições (lei), no contexto do Antigo Testamento, são realidades que andam juntas.

Um tipo de aliança bíblica

Assim como os modelos encontrados fora de Israel, os modelos bíblicos não são unívocos. O texto que estudaremos a seguir (Dt 30,1-10), também conhecido como a Aliança de Moab ou a nova aliança no Deuteronômio, é um tipo de aliança que se presta para a relação daquilo que apresentamos até aqui. Por isso, queremos ilustrar a relação da estrutura de alianças e ao mesmo tempo perceber como a Bíblia tem relação com o mundo que a precedeu e que a acompanhou. Relacionada com a história, a formação da Bíblia não se fez sem o influxo de seu tempo e de seu mundo, como neste texto:

¹Quando se cumprirem em ti todas estas palavras – *a bênção e a maldição* que te propus, se as meditares em teu coração, em meio a todas as nações para onde *Yahwh* teu Deus te houver expulsado, ²e quando te converteres a *Yahwh*, teu Deus, *obedecendo à sua voz* conforme tudo o que hoje te ordeno, tu e teus filhos, com todo o teu coração e com toda a tua alma, ³então *Yahwh* teu Deus mudará a tua sorte para melhor e se compadecerá de ti. *Yahwh* teu Deus voltará atrás e te reunirá de todos os povos entre os quais te havia dispersado. ⁴Ainda que tivesses sido expulso para os confins do céu, de lá te reuniria *Yahwh* teu Deus, e de lá te tomaria ⁵para te reintroduzir na terra que os teus pais possuíram, para que a possuas; ele *te fará feliz* e te multiplicará mais ainda que os teus pais.

⁶*Yhweh* teu Deus circuncidará o teu coração e o coração da tua descendência, para que ames a *Yahwh* teu Deus com todo o teu coração e com toda

5. McCARTHY, D. *Treaty and Covenant*. (AnB, 21), 1963, p. 73.

6. MALATESTA, E. *Interiority and Covenant*, p. 75.

a tua alma, e vivas. ⁷Yahwh teu Deus fará recair todas essas imprecações sobre os teus inimigos, sobre os que te odiaram e perseguiram. ⁸Quanto a ti, voltarás a obedecer à voz de *Yahwh* teu Deus, pondo em *prática todos os seus mandamentos que hoje te ordeno*. ⁹Yahwh teu Deus tornar-te-á próspero em todo trabalho da tua mão, no fruto do teu ventre, no fruto dos teus animais e no fruto do teu solo. Porque *Yahwh* voltará a se comprazer com a “*tua felicidade*”, assim como se comprazia com a felicidade dos teus pais, ¹⁰*caso obedexas à voz de Yahwh teu Deus, caso observes os seus mandamentos e seus estatutos escritos neste livro da Lei, caso te convertas com todo o teu coração e com toda a tua alma a Yahwh teu Deus (Dt 30,1-10).*

O texto deixa explícita a condicionalidade das propostas. *Yahwh* faz uma oferta gratuita, mas a recepção destes benefícios se condiciona à obediência e à conversão. Este é o miolo da aliança de Moab que vai ser objeto de um estudo mais detalhado, a seguir.

Poderíamos resumir o esquema dessa aliança em *três pontos*: a) apelo a Deus por parte de Israel; b) Deus responde positivamente e promete proteger e salvar Israel; c) em resposta à promessa de Deus, Israel deverá aceitar a circuncisão do coração por *Yahwh*, em outras palavras, purificado totalmente para que a aliança seja eficaz⁷. Muito próxima das reflexões dos profetas (Jr 31,31-33 e Ez 36,25-28) conhecidas como textos da nova Aliança, o texto acima transcrito do Deuteronômio revela que o povo está num estágio bastante avançado de reflexão, certamente bem posterior ao do restante do livro. Nesse momento, o povo se encontra em uma situação dramática de sua história na qual experimenta os dissabores e as maldições e se pergunta o porquê de tudo isso. Em lugar de um esquema quiástico, propomos uma divisão simétrica, segundo a própria temática. Observe que a estrutura está empostada sobre os versículos 1, 6 e 10. O mesmo conteúdo que está antes do versículo 6 vai estar também depois, posicionado estruturalmente numa ordem diferente.”

I) Proposta de bênção ou maldição (v. 1)

1. Exigência de conversão e obediência (v. 2)
2. Yahwh muda a sorte do povo (v. 3-4)
3. A felicidade volta (v. 5)

II) Yahwh *circuncida o coração* do povo (v. 6)

2. Yahwh troca a sorte do povo (v. 7)
 1. Obediência e prática de suas ordens (v. 8)
 3. A felicidade e a prosperidade retornam (v. 9)

7. No esquema de A. di Marco, *Il Chiasmo nella Bibbia*, p. 78, aparece uma divisão quiástica, mas essa proposta é bastante forçada.

III) CASO (se)

- a) Caso *obedeças*,
- b) Caso *observe os mandamentos*,
- c) Caso *te convertas* (v. 10).

Através desse esquema podemos perceber que há uma estrutura montada sobre o versículo 1 como uma introdução que tem resposta ou consequências para o versículo 10; o versículo 6 que articula todo o desenvolvimento do texto e faz a ligação entre o começo e o fim, e o versículo 10 que culmina com o discurso vinculando o versículo 1.

A primeira proposta é a *conversão* (v. 2a.10c). Usando a expressão *shub* (= voltar), o Autor evoca o retorno de um caminho percorrido e considerado errado. É no desterro que Israel toma consciência do valor da promessa, da aliança e da necessidade da fidelidade. Com isto, forma-se também uma consciência ética das atitudes e do pecado. Nessa perspectiva a conversão é compreendida como uma atitude de *retorno, de mudança de vida. A conversão é um voltar-se para*. Neste caso é um movimento em direção a *Yahwh*. Esta conversão exige uma mudança radical, de “todo o coração e de toda a alma”. Mudar o coração é transformar a parte imperscrutável no interior da pessoa, a inteligência, sabedoria, conhecimento⁸. O coração é considerado a sede da vontade e do conselho (1Rs 8,17; 10,2). O coração é a sede da vida ética, da mente erguida para a lei e para a virtude (Gn 6,5; 8,21; Dt 5,29). O coração é a sede do amor, da sinceridade e da fidelidade.

O coração é a parte mais íntima dos sentimentos, a *alma* que desde os primeiros tempos desempenha um significado fundamental na antropologia bíblica: o espírito é o princípio da vida (Gn 2,7; 35,18); preservação da vida (Ex 4,19; Jr 4,30); ciência, inteligência, dom de Deus (Sl 139,14; Pr 19,2; Is 11,2s).

A alma é a vida da matéria, é a dinâmica que move o ser humano. A conversão é um pré-requisito para a *mudança da sorte*⁹.

Muito mais que uma extremidade espacial (cf. v. 4) é a certeza de não se sentir participante da presença de Deus, é ter a certeza de estar fora do seu raio de ação. Seria estar no *poço do desterro*. É justamente nesta situação que o povo reconhece o seu erro e toma consciência da necessidade de voltar. É depois disso,

8. ZORELL, F. *Lexicon Hebraicum et Aramaicum Veteris Testamenti*, p. 386-388.

9. A expressão hebraica *shebuteka* pode ser traduzida por tua sorte, sina, destino. Neste contexto, mudar a sorte era provocar uma mudança total, pois se Yahwh decidiu “não mais ver o rosto de seu povo” foi porque o povo rompera com aquilo que seus pais haviam prometido no passado (Dt 29,9.24). Mudar a sorte era poder fazer graça de novo. Quer a herança, quer a história, quer o futuro são possibilidades de mudança quando se busca o novo. A imagem desta transformação está explícita na evocação da *circuncisão do coração* (Dt 30,6). Em contrapartida recebe garantias de prosperidade no fruto do próprio trabalho, no fruto do ventre, no fruto dos animais e no fruto do solo. A esperança na *felicidade* era a capacidade de crer no retorno a Yahwh.

quando o cântico muda de tonalidade (cf. Sl 137) que a sorte começa a mudar e a luz promissora de felicidade começa a brilhar no horizonte da libertação. Contudo, como já observamos anteriormente, a felicidade traz indelevelmente a marca da *responsabilidade* (cf. Jr 31,29-30; Ez 36,32).

A articulação principal do texto é centrada no versículo 6 que coordena o movimento e o significado da Nova Aliança: *A circuncisão do coração*. (O rito da circuncisão identificava o judeu). Esta prática se fortalece no exílio como forma de identificação e ao mesmo tempo cria guetos de resistência. O deuteromista parte desta prática para fazer sua teologia da verdadeira pertença e do verdadeiro povo de *Yahwh*.

Esta é uma expressão própria para indicar uma cerimônia ritual (cf. Dt 4,16; Jr 4,4; At 15,1). Mais que um ritual, é o significado teológico desta atitude de Deus, que diante da insipiência do povo precisa intervir de modo drástico, pedindo a conversão radical, a obediência e a observância da sua palavra e dos seus mandamentos (cf. v. 2 e 6). São os sentimentos e as intenções que povoam o coração que não permitiam atitudes de justiça e verdade (cf. Is 1,2-29) que precisavam ser retirados para que o coração pudesse palpitar uma verdadeira vida (cf. Ez 36,36). Há pouco ou nada de físico (de corpóreo) à semelhança da circuncisão judaica. Há muito de teológico que entende ser mister a atitude de erradicar os vícios da mente¹⁰.

O centro da Antiga Aliança estava nas *tábuas de pedra* (Dt 10,16; Jr 32,39; Hb 8,10). O coração é o centro do ser. As transformações da lei não chegavam a atingir este *íntimo mais íntimo*. As reflexões humana e espiritual fizeram perceber que Deus não se agrada de um coração esfarrapado e pobre (Jr 32,7; Ez 11,19; 34,13; 36,24). Uma atitude verdadeiramente salvífica não caberia num coração semelhante, por isso, Deus decidiu reconsagrar o coração do povo. Fazia-se necessário purificar o coração de todas as imperfeições e torná-lo sensível à graça para que nele se manifestasse a verdadeira essência do ser e a sua verdadeira identidade. Era inútil querer enganar com as aparências, se *Yahwh* estava a olhar no interior do ser e não encontrava um coração capaz de amar. Nas exigências por um coração novo (1Sm 16,7; Jr 11,20; Is 55,9), *Yahwh* não deixava de estender sua mão misericordiosa para amolecer e retirar esta insensibilidade no coração empedernido do povo. A idolatria sempre foi considerada um dos grandes perigos para a autenticidade de um louvor e a fidelidade do coração. Andar atrás dos ídolos é uma provocação frontal a *Yahwh* (Dt 32,21; 2Rs 17,12; Is 45,6; Jr 2,11). Não serão mais os sacrifícios ou os holocaustos que irão aplacar a ira de *Yahwh* e reatar a Aliança, mas será esse coração novo capaz de executar a justiça com o pobre, o órfão e a viúva (Is 1,11-20), capaz de trocar uma observância ineficaz da Lei pela misericórdia (Os 6,6). Neste contexto, a circuncisão carnal não tem

10. ZORELL, F. *Lexicon Hebraicum et Aramaicum VT*, p. 417.

nenhum significado. Esta inserção do *novo*, no todo da vida humana, nas suas dimensões mais abrangentes do ser e suas relações (Jr 31,34; Ez 16,63; 36,25; 37,23) irão ser as garantias do novo pacto. Já o pedido de *Yahwh* a Abraão exigia uma forma de vida absolutamente íntegra: Eu sou El Shadai, anda na minha presença e sê perfeito (Gn 17,1b). Como fala P. Buis¹¹, na renovação estava *embutida* a instauração de uma consciência e um comportamento conforme a instrução de *Yahwh*, para que o povo soubesse e se comprometesse a andar nos seus caminhos (Dt 8,6; 10,12). Deus dedica todo seu amor e misericórdia ao povo a fim de que ele corresponda, pois a gratuidade gera certo ciúme (Ex 20,5; 34,7; Dt 4,24). Na interpretação de B. Renaud, o juramento torna o amor uma exclusividade entre os contraentes na qual um se sente proprietário do outro originando o sentimento de posse e ciúme¹². O Deuteronômio faz as promessas sempre com uma condição *ki* (se, caso), o que evidencia a liberdade de entrar ou não no acordo e a responsabilidade decorrente do fato de *entrar* ou de *ficar fora* dele.

Os versículos 1 e 10 estão na mesma posição em relação à renovação da Aliança. A *bênção e a maldição* propostas não são impostas no livro; estão condicionadas à aceitação ou não da obediência e da prática daquilo que está explicitado, neste livro. Neste livro da Lei, é uma expressão que indica mais do que as cláusulas do contrato. É o conjunto dos compromissos internos e externos que comprometem e ao mesmo tempo identificam o povo. No contexto bíblico, a *bênção* está sempre como proposta primeira¹³. A *maldição* se faz presente como consequência diante da impossibilidade de manutenção do acordo. A “*bênção*” está ligada à prosperidade, sobremaneira no campo material: fertilidade, crescimento dos rebanhos, frutos da terra, etc. (Gn 9,26; 1,19.20). *A bênção tem o caráter de dar sem que seja pedido, de modo particular, ligada à generosidade feita ao pobre* (Dt 15,4-10). Outro texto do Deuteronômio (16,10) liga a generosidade humana à graça recebida de Deus. A *maldição* é sempre uma medida em uma situação limite. Jamais a *maldição* é uma proposta inicial. O Deuteronômio (29,21-28) ilustra a situação, mostrando que se a *maldição* ou o castigo aconteceram foi por causa da ruptura, do abandono da aliança por parte do povo.

2. Da antiga à nova Aliança

Falamos aqui de duas alianças. Jeremias (31,31) fala de uma nova; o autor de Hebreus (8,13) diz que a nova tornou caduca a antiga; Lucas (22,20) anuncia: *Este cálice é a nova aliança no meu sangue*. De modo global, podemos considerar os dois Testamentos como duas alianças. É nesta linha que vai a nossa reflexão. Entre os dois, os modelos podem ser tomados como semelhantes, mas

11. BUIS, P. *La Nouvelle Alliance*, p. 5.

12. RENAUD, B. *Je suis un Dieu jaloux*, p. 27-29.

13. HUMMELAUER, F. *Commentarius in Deuteronomium*, p. 485.

há uma superação do Novo em relação ao Antigo. Para falar comparativamente das duas Alianças é preciso considerá-las na sua globalidade sem querer justificar diferentes alianças ao longo da história do povo de Israel e do povo cristão. Essas duas etapas da história da salvação (Antigo Testamento e Novo Testamento) podem ser vistas na perspectiva de sua *continuidade e as suas rupturas*. O Antigo Testamento tem uma antiga Aliança, que no contexto hermenêutico do Novo Testamento significa uma realidade a ser superada, e esta é, ao mesmo tempo, o gérmen de uma nova (Dt 30,1-10; Jr 31,31-33) que nasce com Jesus Cristo. Estes elementos de continuidade e ruptura oferecem a distinção entre as duas alianças. Ambas partem de uma mesma tese, mas uma relação de superação entre ambas nem sempre pode ser tratada pacificamente. É preciso perguntar se a renovação da aliança, como fala o autor da carta aos Hebreus (8,13), significa uma evolução, uma modificação ou outra totalmente nova? O deuteronomista, proclamando a chamada aliança de Moab (Dt 29–30), considera a segunda uma evolução em relação à primeira, mesmo que esta não se constitua ainda numa totalmente Nova¹⁴. A nova aliança vem mencionada por Jeremias (31,31), o qual fala cinco vezes na aliança de Sedecias com o povo para a libertação dos escravos (34,8.10.13.15.18).

Quando Jeremias fala em *berît hadashah* envolve elementos polêmicos porque o adjetivo *nova* desqualifica a *antiga* e, ao constatar suas deficiências, conclui que, no futuro, uma nova será diferente e, por consequência, melhor. A questão fundamental em toda a discussão é poder colocá-las em relação e qualificar uma de *nova* (como consequência a outra fica velha). Isso só pode acontecer quando uma se torna antiga, próxima da caducidade (Hb 8,7) e outra vem trazer algo diferente, considerado melhor. É nesta situação conflitiva que julgamos estabelecer-se o contexto da relação entre duas realidades, no qual se constata uma situação de *continuidade* e de ruptura, concomitantemente.

Neste aspecto, a superação exige a continuidade, pois a vigência da Aliança depende do reconhecimento de *Yahwh* como Senhor e, da manutenção dos termos da Aliança. Não podemos esquecer que o *conteúdo* da Nova Aliança continua sendo a Antiga. A lei, a nova lei, não é mais algo imposto de fora para dentro, e sim assumida como algo que faz parte inerente da essência da vida de cada um. A estrutura da Aliança permanece e sobre esta acontecem mudanças, progresso e evolução (cf. Mt 5,17s). Aos *antigos foi dito* e eles interpretaram de uma determinada forma; *aos novos é dito* algo novo para que se atualizem no tempo e na sua realidade (Mt 5,21s). O profeta Ezequiel (36,26) preconizava não só a *circuncisão*, mas também a *troca do coração*, o que pode ser entendido como uma transformação radical do centro de gravitação da aliança¹⁵. O Novo Testa-

14. CHOLEWINSKI, A. *Zur Theologischen Deutung des Moabundes*, p. 92.

15. LOHFINK, N. *Der Bundesschluss im Land Moab*, p. 33.

mento, particularmente Mateus (cf. 5,17-19), não fala de outra, como é a posição de Hebreus (7,18; 8,7), mas de uma nova interpretação. Para o autor de Hebreus, a segunda não é apenas uma evolução da primeira, mas totalmente outra. Neste caso concordamos mais com Mateus, pois todo o apoio da Aliança da Redenção de Jesus, tem o Antigo Testamento como ponto de partida, e sobre estes pontos de apoio vai tecendo pedagógica e teologicamente sua evolução e suas rupturas. P. Beauchamp¹⁶ sustenta que a leitura do Antigo Testamento e Novo Testamento precisam ser feitas a partir dos mesmos modelos e vê a ação conjunta dos dois Testamentos, de modo especial a relação das duas alianças. Para outros, a Nova Aliança é a continuação da primeira, mas com uma renovação substancial. *O alicerce indelével da Nova Aliança de Jesus continua sendo o do Antigo Testamento, mas Ele opera uma superação radical com o que vinha sendo praticado pelos escribas e fariseus (Mt 5,17-20).*

Podemos dizer ainda que a *Aliança é relação de pessoas*. Nela entram componentes materiais de diversas categorias, mas os agentes são pessoas e só elas são capazes de estabelecer, modificar ou romper um compromisso. Consciente da necessidade de renovar esta *relação* entre Deus e o Homem, Jesus Cristo entra na história para transformar a Aliança antiga na *Nova Aliança*.

A Eucaristia como Nova Aliança

Jesus escolheu uma mesa e uma refeição para estabelecer a aliança com seus discípulos. A aliança tem um caráter de compromisso, que é espontâneo e livre, mas compromete e exige a execução das cláusulas acordadas. É por isso que foi à mesa que Judas foi expulso do grupo: ele já tinha feito um pacto com os sumos sacerdotes e anciãos e, estar à mesa, significa uma traição ao Mestre e a todos os outros discípulos (Jo 13,27).

A eucaristia é uma ação de graças com a vida e não um louvor com a palavra¹⁷. E, não se trata de sacrificar cordeiros para espargir o altar do sacrifício, mas de assumir a missão e fazer da própria vida o altar da purificação e do resgate para a purificação e o perdão dos pecados (Mc 10,45).

A comida e a bebida são formas de compreender que o *mandamento novo* (Jo 13,34) não é um conselho ou sugestão, mas um imperativo. E só existe aliança e discipulado se esse mandamento for colocado em prática (1Jo 2,3-11). Desta forma, Jesus é enfático com os discípulos: *Porque me chamais de Mestre e Senhor, se não fazeis aquilo que vos mando* (Lc 6,46), pois o servo não é maior que o seu senhor, nem o enviado maior que aquele que o enviou (Lc 6,40; Jo 13,16). E ninguém pode servir a dois senhores (Mt 6,24).

16. BEAUCHAMP, P. *L'un e l'autre Testament*, p. 2.

17. MAZZAROLO, I. *A Eucaristia: memorial da Nova Aliança*, p. 65.

Portanto, da mesma forma que a refeição é comunhão, sintonia e compromisso, a missão se reveste dessa condição de comunhão, entendimento e compromisso. *Nisto reconhecerão todos que sois discípulos meus, se...* (Jo 13,35).

A celebração da última ceia com os seus discípulos é um banquete entre amigos (Lc 22,14-20). Esta refeição é uma expressão de capital importância para o significado da comunhão, mas não é ainda a totalidade do memorial do Mestre e de sua vida (se tomado como banquete entre amigos, apenas). Nesta ceia, por exemplo, não estão todos aqueles que eram seus amigos e que estiveram ao seu lado durante o ministério, igualmente destinatários do Reino de Deus, os pobres, coxos, cegos, etc. (Lc 5,29-32; 9,10-17; 14,15-24). Na ceia com os seus, através da comida e da bebida, ele demonstra a sua amizade e lhes dá a liberdade de irem à missão como filhos de Deus¹⁸.

As primeiras comunidades começam a estabelecer vínculos fortes em todos os setores da vida, mas é no comer e beber, ou seja, na fração do pão que eles manifestam uma nova forma de vida (At 2,42-47; 4,32-35). Através da ceia, as primeiras comunidades vão celebrando o memorial, não fechando o sentido do mesmo, mas iluminando a própria interpretação com a palavra do Evangelho (cf. At 20,7-12) e pelo Espírito Santo (cf. At 2,1s) abriam as portas e janelas das coisas velhas do passado para que o maior número de irmãos pudesse estar com eles. Eles vendem as propriedades e colocam em comum tudo o que recebem para suprir as necessidades que se apresentam. Este processo de partilha radical torna-se o sinal verde da possibilidade de comungar na refeição eucarística e vai encontrando franquia no aperfeiçoamento da aliança de Deus com os homens na comunhão com Cristo que aproxima de si todos os crentes, fazendo-os um só, no seu corpo. A própria ceia de Jesus com os seus tem o caráter de síntese, de celebração e ao mesmo tempo de juramento de fidelidade num compromisso para o futuro de cada um dos seus participantes. A Ceia eucarística é uma ceia que vai sempre além: *A comunhão da eucaristia prolonga-se no antes e no depois*. Antes, quando já há comunhão, pois a ceia é celebração daquilo que já existe; no depois, a comunhão eucarística torna-se um impulso para continuar partilhando e comunicando. Não só a refeição, portanto, constitui-se no memorial de Jesus. Ela é a manifestação celebrativa, cultural, mas que deve ter o suporte de toda a vida, ou seja, se alguém estiver ali para oferecer os seus dons diante do altar, mas, antes disso, houve algo que rompeu a comunhão, impediu de acontecer uma celebração autêntica. Esta situação exige uma coerência entre vida prática e celebração.

Nesse argumento, Paulo questiona os cristãos de Corinto sobre a consciência da comunhão, pois o alimento ingerido se transforma em vida, é assimilado como energia e por isso, não pode ser negligenciado:

18.GOPELT, B. pinô. In: TWzNT, p. 140.

O cálice da bênção, o qual abençoamos, não é a comunhão no sangue de Cristo; o pão que rompemos não é a comunhão no corpo de Cristo? Visto que há um só pão, nós sendo muitos somos um só corpo, e todos, pois, participamos deste único pão (1Cor 10,16-17).

O texto demonstra que Paulo reage diante da falta de consciência da aliança. Se não há *koinônia* (comunhão/comunidade) não há ceia e não há comunidade. Paulo enfatiza a diversidade e a multiplicidade de membros da comunidade, o que não pode dificultar a *koinônia*. Todos os membros participam de um só pão e um só cálice; em outras palavras, a afinidade em torno de um mesmo e único objetivo: Cristo.

A evangelização como cumprimento da Nova Aliança e do discipulado

Na celebração dos cinquenta anos do Vaticano II, um dos temas que inquieta a Igreja é a evangelização e, não raro, os modos, métodos e estratégias inadequadas dos seus protagonistas.

A evangelização não acontece com “padres de carteirinha ou de bispos de aeroporto”¹⁹. “Os pastores devem ter três atitudes fundamentais: acolher, caminhar junto e permanecer com o rebanho”²⁰.

O apóstolo Paulo entendeu que a missão exigia uma saída na direção das ovelhas e não uma espera. A ovelha perdida tem mínimas chances ou não tem mais condições de reencontrar o rebanho por conta própria, por isso, ela só pode ser resgatada pela compaixão do seu pastor. O evangelizador é aquele que se sente ungido e enviado pelo Espírito do Senhor para *evangelizar os pobres, libertar os presos e oprimidos, restituir a vista aos cegos e anunciar tempos novos de graça e verdade* (cf. Lc 4,18-19; Is 61,1-2). Foi nessa mesma perspectiva que os cristãos de Antioquia entenderam a presença e a inspiração para o envio de Paulo e Barnabé para a missão entre os pagãos: *disse-lhes o Espírito Santo: Separai para mim Barnabé e Saulo, para a obra que lhes destinei* (At 13,2).

Duas afirmações de Paulo servem como parâmetros para entender a evangelização: a primeira: *Batizar ou evangelizar* (1Cor 1,17)? A segunda: *Ai de mim se não evangelizasse* (1Cor 9,16)!

A Igreja da América Latina e Caribe, em Aparecida, São Paulo, 2007, tentou refletir sobre os desafios atuais da evangelização e das novas formas de apresentação do *kêrygma* com o lema: *Discípulos e missionários de Jesus Cristo para que, nele, os nossos povos tenham vida*. Este lema suscita uma volta às fontes e

19. Papa Francisco, pronunciamento aos padres na JMJ do Rio de Janeiro e encontro com os novos bispos em Roma no dia 19/09/2013.

20. Papa Francisco, audiência com os bispos dia 19/09/2013, na sala Clementina.

um resgate dos princípios norteadores da Igreja da primeira hora, a fim de, espelhados nela, os missionários/as de hoje, possam perceber o que pode ser feito melhor, o que pode ser aprimorado e o que ainda pode ser acrescentado, naquilo que já está sendo feito.

Em cada época e cada lugar, faz-se mister retornar às fontes e, nessa busca de fundamentação, *o que se exige da Igreja é que anime a comunidade humana, com a força perene e divina do Evangelho, num mundo que se gloria de seus progressos técnicos e científicos, embora sofra de profunda carência ética, que procura sanar independentemente de Deus*²¹. O Espírito é o mesmo e sopra onde quer, esse Espírito que o mundo não pode conhecer (Jo 14,17). Sob a força e ação deste Espírito da Verdade, a Igreja recomeça, renova, retoma seu ponto de partida para atualizar e revigorar seu trabalho apostólico, catequético e querigmático. O grande trabalho do evangelizador é buscar, nas origens, o provável e o possível sentido da missão que Jesus quis passar aos discípulos.

Para encarnar melhor, na realidade atual, a mesma missão que Jesus confiou aos apóstolos, faz-se mister chegar ao sentido mais próximo das fontes, e, é preciso ir até elas e beber das mesmas, com o auxílio dos instrumentos e métodos que as ciências bíblicas, históricas e antropológicas que o passado e o presente oferecem. Essa volta ao passado é um imperativo para as novas hermenêuticas e a confrontação com os novos paradigmas sempre em movimento e mudanças²².

O resgate do passado é um debruçar-se sobre os desafios do futuro e as respostas oferecidas ao mundo de ontem não podem ser as mesmas oferecidas ao mundo de hoje, não obstante o ponto de partida para as respostas do ontem seja o mesmo para as respostas do hoje e do amanhã, mas as circunstâncias são muito diferentes e essas determinam o olhar de investigação e interpretação. Assim, o retorno às fontes é uma exigência de cada tempo e momento. Beber das fontes é a certeza de beber água pura, água verdadeira e água viva (Jo 4,14).

A Igreja Latino Americana, hoje, se depara com novos imperativos pastorais e bíblicos, face à realidade sócio-política em que vivem seus habitantes, de modo especial, *ad intra, o discipulado e o apostolado*, no entanto, não haverá apostolado sem discipulado. A Sagrada Escritura, que tanto tem iluminado e ajudado as comunidades nestes cinco séculos de presença²³, na formação de Comunidades eclesiais, de Círculos Bíblicos, de grupos de leitura bíblica e investigação acadêmica, precisa voltar com mais vigor às mãos dos homens e das mulheres de boa vontade a fim de revigorar o caráter missionário e evangelizador em prol dos tempos e exigências hodiernas.

21. JOÃO XXIII, *Carta de convocação para o Concílio Vaticano II*, 25 de Dezembro de 1961.

22. ESTUDOS DA CNBB, 86, *Crescer na leitura bíblica*, 1.2; 1.3.

23. Não fazemos, aqui, uma avaliação sobre os efeitos da colonização europeia e seus métodos em consideração aos povos indígenas. É certo que, sob alguns aspectos, pairam muitas dúvidas em torno da eticidade da “descoberta” das Américas, mas não queremos entrar no mérito da análise do problema.

Estaremos, neste artigo, propondo algumas considerações, do ponto de vista exegetico e hermenêutico, considerando a realidade da América Latina, no que concerne à V Assembleia do seu episcopado de Aparecida, 2007. Para tanto, tomamos, a nível de suporte, alguns textos bíblicos específicos.

Tornar discípulas todas as nações (Mt 28,19)

Este é o primeiro texto que assumimos, neste quadro de *refontização* da mensagem bíblica, é o mandato final de Jesus aos discípulos, um mandamento pós-pascal, mas que ratifica e consolida toda a catequese repassada, nos tempos de sua presença física com eles.

Indo, tornai todas as nações discípulas, é um imperativo, não é um conselho ou uma opinião. Quando alguém dá um conselho, este pode ser levado a sério ou não, de acordo com o interesse de quem o recebeu. Um imperativo é uma ordem, mandamento e obrigação. No contexto do final do evangelho de Mateus (28,19), pós-ressurreição, Jesus pede, em caráter de mandamento, duas coisas aos discípulos: *ir e tornar discípulas as nações*.

Usando o verbo πορευô – fazer passar, transportar, partir para outro lugar, enviar – resgata-se o sentido de: indo para fora, saindo, deslocando-se, visitando os lugares, aldeias e casas, em nome do envio (cf. Lc 9,2; 10,1 e par.). A missão não é uma espera, mas uma procura, não é um estar parado para o que vem, mas um ir ao encontro daquele que não viria. A missão caracteriza a própria essência do *apostolado*, em virtude da vinculação condicional entre discipulado e apostolado (προσκαλεô αποστειλλô). O discípulo assume, desde o primeiro momento, um compromisso com aquele que o envia, e sua missão está voltada para o cumprimento de ordens e decisões superiores.

Essa ordem de Jesus faz eco nos dias de hoje, de modo especial no catolicismo, onde esse gesto de sair para buscar, de visitar cidades e aldeias, ir de casa em casa ou de leito em leito em hospitais parece ter perdido o sentido. As exigências são as mesmas: deixar o lugar geográfico e deslocar-se na direção do outro. Aquele/a que é enviado deixa sempre o lugar onde está na direção daquele para onde deve cumprir a tarefa. *Partindo* das vossas casas, deixando as vossas instalações, ide ao encontro dos outros, pelas ruas, praças, cidades e lugares próximos ou distantes, a fim de que lá também seja anunciado o evangelho. Jesus parte do seu próprio testemunho e exemplo, relatado nos evangelhos: (tornando a entrar em Cafarnaum Mc 2,1; outra vez ao longo do mar Mc 2,13; entrou outra vez na sinagoga Mc 3,1; retirando-se com seus discípulos Mc 3,7, e assim por diante – de Nazaré para Cafarnaum, de lá por toda a Galileia, depois a Samaria e, enfim, Jerusalém). Ele mesmo, como Mestre, abdica de sua condição divina, como afirma Paulo (Fl 2,6), sua μορφê Θεου (forma de Deus) para ter uma comunhão maior com o povo das ruas, dos campos, das estradas e praças da Palestina e arredores. No seu modo missionário e itinerante, Jesus está sempre

em movimento, ora saindo, ora chegando; entrando nas casas ou cidades, depois saindo para outros lugares²⁴.

Olhando para o exemplo dos primeiros cristãos percebemos que o *discipulado e o apostolado* caminhavam lado a lado, pois enquanto um grupo se ocupava da distribuição do pão, outro anunciava a palavra (At 6,1-7). O tempo do discipulado é necessário para o conhecimento, a assimilação e o aprimoramento, mas em seguida, vem a imperiosa tarefa do envio (Lc 9,1-6). De um lado está a ação de convocar, reunir e preparar; do outro, está a determinação de enviar. Essa estrutura conjunta é constitutiva do discipulado, visto que o discípulo não se prepara para si, para dentro, mas para fora e para os outros. Pode-se destacar o primeiro momento, se é que podemos separar o discipulado, enquanto uma *sequela Christi*, com o intuito da preparação interior, e a segunda fase, o envio, como o tempo da ação. No entanto, uma está intimamente ligada com a outra e são quase indissociáveis. Se faltar o discipulado, ficará deficiente a missão e se não há missão, torna-se nulo o discipulado.

Ao cristão cabe uma consciência da essência de sua fé e relacionamento com seu Mestre: Para todos os efeitos, o discípulo só será discípulo enquanto estiver executando as ordens de quem o enviou: “*Em verdade vos digo, não é o servo maior que o seu senhor, nem o apóstolo maior do que aquele que o enviou*” (Jo 13,16; Lc 6,40).

O lexema μαθητεύσατε indica uma ordem imperativa, uma exigência superior de fazer discípulos, tornar discípulos, conquistar para o Reino de Jesus Cristo, como seguidores do Mestre. O grego entende o verbo μαθητέω²⁵ como a ação de conquistar, de ensinar ou cativar para junto de si²⁶. É uma relação entre um mestre e seus subalternos; do instrutor com seus aprendizes; um guia e seus liderados. É uma dimensão profissional e existencial que segue as características e coordenadas por Ele indicadas. O discípulo está sempre à escuta e ao entendimento da vontade de seu mestre, relação essa, que caracteriza todos os que se deixaram encantar ou que aceitaram o chamado do seguimento. O discipulado é caracterizado por uma formação de grupos ao redor de seus mestres: Heráclito, Platão, Aristóteles e outros no mundo grego tinham seus discípulos, suas escolas filosóficas e seus grupos. No contexto do Novo Testamento, João Batista faz uma ponte entre os movimentos rabínicos e Jesus, também com seus discípulos; e Je-

24. Os movimentos de Jesus podem ser vistos, de modo muito didático, mas em menor proporção no evangelho de Marcos, onde quase tudo acontece nos arredores do lago da Galileia. Do ponto de vista das viagens e deslocamentos maiores, podemos ver melhor em Lucas e João.

25. Enquanto o substantivo mathetés aparece 261 vezes no Novo Testamento, o verbo encontra-se em Mt 13,52; 27,57; 28,19; Ap 14,21, cf. NEPPER-CHRISTENSEN, P. mathetés, in: *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament, B, II*, Stuttgart, Kohlhammer, 1981.

26. New Ortografikon Ermeneutikon Lexikon, Athenas, Dimitrakos, 1969.

sus, o mestre por excelência, forma um grupo de Doze (Lc 9,1-6) e depois outros setenta e dois (Lc 10,1-20) e assim, Ele quis que esse grupo conectasse o mundo dentro dessa mesma pedagogia e escola do amor. O discípulo se torna um mestre em relação ao mundo, mas será sempre discípulo em relação a Jesus. Por outro lado, toda a comunidade evangelizada, toda a pessoa evangelizada e que um dia acolheu a Boa Nova do Reino, necessita desta consciência evangelizadora²⁷; e fazer discípulos significa comunicar o evangelho.

A evangelização remete a um compromisso, a fim de que todos possam estar convictos do sentido de produzir frutos. Algumas vezes, a formação que esses cristãos possuem é um conhecimento de algumas fórmulas, superficial e exterior igual a um verniz, e carece totalmente de profundidade, entendimento e profecia²⁸.

Evangelizar é transformar, modificar, fazer novas as coisas antigas (2Cor 5,17; Ap 21,5). Se não há transformação não há Boa Nova, e para tanto é mister conhecer todas as formas de alcance da compreensão deste anúncio por parte das massas. Essa transformação se processa, ao mesmo tempo, na consciência individual e coletiva dos homens e mulheres, na atividade que eles exercem e no meio em que eles se encontram²⁹.

Fazer discípulos é cativar para junto de si, cativar para Cristo e seu seguimento, é convencer da validade, é promover o encantamento. A Samaritana, depois que encontrou Jesus, deixou o poço e foi à cidade e indicou o endereço do poço a todos os que quisessem conhecer Jesus. Os que acreditaram nas palavras da mulher foram ao poço e depois exclamavam: *Já não é por causa de tuas palavras que cremos, mas cremos porque nós próprios o ouvimos...* (Jo 4,39.42). O discípulo é deixar-se encantar, aceitar a provocação e entrar para a comunidade de fé com a consciência da missão. Ele parte do encantamento de quem nunca viu, e no momento que observa, fica extasiado e exclama: *“Que é isso? Um novo ensinamento com autoridade* (Mc 1,27)? A evangelização pode ser um conteúdo antigo, original, primordial visto que é o mesmo Cristo que é anunciado, mas ele deve ser sempre novo, sempre atual, sempre surpreendente e convincente. Se o evangelizador não está convencido do que anuncia, não fará outro discípulo ou discípula.

No livro do Coélet (Ecl 5,7) afirma que se numa Província for encontrado um mendigo, nela o direito e a justiça foram violados, e o injustiçado se transforma em sinal de enfermidade para essa cidade. Onde há fome, sede e enfermidades não há eucaristia, aliança ou justiça, por isso, todos os paradigmas cristãos deixam de existir.

Neste caso, o envio dos discípulos é para que curem todas as enfermidades e expulsem todos os demônios (Mc 3,13-15). Expulsar demônios não é fazer

27. DOCUMENTOS DO VATICANO II, *Evangelii Nuntiandi*, n. 13.

28. DOCUMENTOS DO VATICANO II, *Evangelii Nuntiandi*, n. 20.

29. Cf. DOCUMENTOS DO VATICANO II, *Evangelii Nuntiandi*, n.18.

exorcismos, mas reimplantar a justiça e a verdade, libertando presos, curando os enfermos e anunciando a graça do Reinado de Deus (Lc 4,18-19). E se todas as nações devem ser discípulas (Mt 28,19), todas as pessoas devem ser discípulas.

Todas as nações são todos os povos, línguas, raças e culturas. *Panta ethné* significa o universo, a totalidade dos povos, a totalidade das pessoas, individual ou coletivamente. Cada povo, independente de sua história passada ou tradições, tem o direito de ouvir, escutar, entender e optar a respeito do Evangelho. O reinado de Deus da graça e da justiça cabe em qualquer cultura, raça ou língua, Todas as nações merecem conhecer a novidade do Reino de Deus, independente de seu ponto de partida ou lugar determinado. O anúncio procede da autoridade que Jesus recebeu e que vai passar aos discípulos: εδοθη μοι πασα εκουσια εν ουρανῳ και επι τῆσ γῆσ (Foi-me dada toda a autoridade no céu e sobre a terra - Mt 28,18). Quer nos céus, quer sobre a terra, o Reino se torna universal, sem fronteiras, sem limites geográficos, culturais ou ideológicos. A autoridade é também a credencial que os portadores desta missão recebem da parte de quem os envia. É uma autoridade que procede do alto, do Pai, e com isso, não há restrição de espaço ou lugar. E o que vem do alto atinge a totalidade, abarca o todo do cosmos.

Jesus assegura aos discípulos que sua autoridade é plena (πασα) e eles não teriam o que temer, quanto à legitimidade do envio e da missão, mas poderiam ter suas garantias físicas ameaçadas, visto que eles estariam como cordeiros no meio de lobos (Lc 10,3). Eles poderiam ser perseguidos, caluniados e torturados por causa do Evangelho (Mt 5,11-12). A autoridade não era um salvo-conduto contra os perigos e as ciladas dos opositores do Reino. A autoridade era, acima de tudo, a garantia de assistência do Espírito Santo (Jo 16,13).

As garantias da presença de Jesus, na missão, não são seguro de vida, imunidade diante do perigo ou garantias físicas. E, não obstante os riscos, eles são enviados, isto é, solicitados a deixar sua casa, pai, mãe e pertences, para ir ao encontro de quem está fora, numa certa desvantagem, pois são como cordeiros no meio de lobos (Lc 10,3). Ao entrar nas casas, os discípulos deveriam primeiro saudar os que lá estavam, dizendo que a paz estava chegando e o Reinado de Deus estava próximo (Mt 10,13; Lc 10,5). Evangelizar é ter a cara e a coragem de bater nas portas das casas, dos corações, das inteligências. É preciso “acordar”, provocar, “vender” esse produto no qual se acredita. Esta ação é levar à execução desta tarefa e mandamento. Sem um “sair” não acontece o imperativo de evangelizar “todas” as nações, o que também implica numa ação de resultados: enquanto houver uma nação, um povo ou um indivíduo que não conheceu o Evangelho, os “ministros” da evangelização estão em dívida com seu Senhor.

3. Anunciar não é privilégio, muito menos uma questão de orgulho ou status, é um imperativo (1Cor 9,16)

Paulo afirma: “Evangelizar não é título de glória para mim, é, antes, necessidade e se me impõe – Ai de mim se eu não evangelizasse”. O apóstolo fala de

uma ação que já tinha acontecido: *evangelizasse*, portanto, algo já acontecido ou acontecendo: εαν γαρ ευαγγελιζόμεαι ουκ εστιν μοι καυχημᾶ ανανκε γαρ μοι επκειταῖ ουαι γαρ μοι εστιν εαν με ευαγγελιζόμεαι (1Cor 9,16)!

Os dicionários definem, de modo geral, a ação de evangelizar como uma relação com a divindade, uma missão ligada à Transcendência, uma notícia da parte de Deus³⁰. O mensageiro é, não raro, visto como um “anjo” de Deus, um embaixador dos céus, alguém que representa, que significa e que traduz uma mensagem do alto (cf. Ap 2,1; 2,8; 2,12; 2,18). A mensagem do Evangelho é algo que *deve ser anunciada* por força da incumbência recebida (Lc 9,6.20; Rm 15,20; Gl 1,11).

Evangelizar (ευαγγελιζόμεαι) é anunciar algo novo, diferente, melhor. Do mesmo modo, *cultivar, rever e confirmar* o que foi anunciado, seguindo o belo exemplo do apóstolo dos gentios que não se cansava de voltar aos lugares onde havia anunciado o Evangelho, a fim de que os falsos pastores não semeassem a cizânia em seus campos de missão (At 15,36.41). Evangelizar é cativar para uma transformação. No saudosismo das tradições (representado no pai, mãe,... (Lc 14,26-27) há saudades, mas não novidades. O tradicionalismo é conservador por que, ao repetir o passado, impede que ele morra, se transforme e desapareça. Evangelizar não é destruir o passado, mas é situar nos tempos presentes de cada época, tempo, lugar. O vinho novo não pode ser contido por odres velhos (Mc 2,22), por que uma realidade antiga não suporta a novidade. Ela é semelhante à capa suja, rasgada e mal cheirosa do cego Bartimeu (Mc 10,50), se não for lançada fora, não há possibilidade, nem lógica vestir outro manto novo e limpo por cima. A evangelização causa impacto, admiração e convencimento, pelo conteúdo, forma e testemunho: “Todos ficavam estupefatos e perguntavam uns aos outros – Que é isto? Uma doutrina nova, cheia de autoridade! Ele manda até nos espíritos impuros e eles obedecem” (Mc 1,27). Marcos ainda acrescenta que Jesus, ao anoitecer, recebia a população inteira, curava todos os doentes, das mais diferentes enfermidades e expulsava demônios (Mc 1,36). De modo análogo, na cura do paralítico de Cafarnaum (Mc 2,1-12), o povo chega a uma conclusão própria: *Nunca vimos coisa semelhante!*

Desta forma ευαγγελιζόμεαι é tornar agradável, atraente e cativante uma proposta difícil, complicada e comprometedora. Esse encantamento é imprescindível para o êxito da mensagem, a qual só será Boa Nova se estiver revestida de graça e verdade (Lc 4,19). Sem encantamento não há aumento de discípulos e sem novos discípulos a morte é certa.

Se a missão de evangelizar não é privilégio, orgulho ou ostentação (1Cor 9,16), o que será então? Não sendo questão de orgulho, será uma questão de ordem, de obediência ou como ele mesmo afirma, uma necessidade. Quem aceita a missão da evangelização não pode pretender o caminho dos pagãos, dos oradores

30. BAUER, W. euangelizômai. In: *Wörterbuch zum Neuen Testament*, Berlin, W. Gruyter, 1971.

ou dos cínicos. É anunciar o caminho de Jesus e dar testemunho de modo radical. É bem verdade que há sempre uma possibilidade de falsos anunciadores, que se intrometem no serviço da missão, e querem anunciar por *inveja ou rivalidade* (Fl 1,15). É por isso que Paulo faz esse apelo radical: Quem evangeliza, só evangeliza se promove e edifica profeticamente a comunidade (1Cor 14,1-4). Não há compatibilidade entre evangelização e promoção pessoal, orgulho ou vanglória (1Cor 9,16).

Evangelizar é ter autoridade sobre as forças antagônicas ao Reino: a. *os demônios*; b. *as doenças* (Lc 9,1); e o seu desmembramento positivo: ir de cidade em cidade *anunciando a Boa Nova e de casa em casa anunciando a paz* (Lc 10,5-6). Os demônios podem ser caracterizados como psiquismos, articulações da inteligência perversa e das possessões do espírito que se justificam nas paranoias comportamentais; as enfermidades são as formas de dependência, da inércia, falta de identidade e idoneidade. Portanto, evangelizar é colocar-se como *cordeiros no meio de lobos* (Lc 10,3).

As curas são um sinal concreto e palpável do Reinado de Deus: *Em qualquer cidade onde entrardes e vos acolherem, comei o que vos oferecerem, curai os doentes que ali se encontrarem e anunciai: o Reino de Deus chegou até vós* (Lc 10,8-9)! Com certeza, ao falar de curar doentes, Jesus não entendeu que os discípulos substituiriam os médicos. Há muitas doenças que não precisam de remédios, mas precisam de oração e fé, e estas os médicos não curam, só os discípulos. Há outras doenças que são causadas pelo pecado, perfídia, pela presença do espírito do demônio que gera ódio e violência, e essas são curadas pela conversão – essas também os médicos não curam. Há outras enfermidades causadas pela Mídia que são a ganância do ter, poder e prazer, identificadas como lucro, moda, mercado, propaganda. Para libertar dessas enfermidades, só a força do Espírito.

Evangelizar para não tornar inútil a cruz de Cristo

“Não foi para batizar que Cristo me enviou, mas para anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo” (1Cor 1,17).

De quantas formas a cruz de Cristo é *esvaziada, tripudiada ou adulterada*? Batizar, como gesto sacramental, é abrir as portas para o ingresso na comunidade de fé. Evangelizar é muito mais, pois é criar uma mentalidade de compromisso, pertença e desenvolvimento da fé, como um processo que dura toda a vida³¹. As cartas Pastorais (1 e 2Tm; Tt) transcrevem as grandes preocupações com a lideranças cristãs da “primeira hora”, ou seja, final do primeiro século. As lideranças cristãs eram escolhidas ou indicadas, mas com muitos cuidados e comprovações

31. MAZZAROLO, I. *Primeira Carta aos Coríntios – Exegese e comentário*, p. 45.

de idoneidade. Eles precisavam ter a disposição de *sair* em busca de novas ovelhas, cada dia, pois o lema de *tornar todas as nações discípulas* exigia uma constante mobilidade, coragem, profecia e preparação (Mt 28,18-20).

O Vaticano II entendeu que havia lacunas entre o anúncio do Evangelho em meados do século passado e a sua proposta original, e por isso fez um caminho de refontização da fé e dos princípios a fim de que sua atualização se desse na justa medida dos tempos e momentos. “Por isso este Concílio, seguindo as pegadas dos concílios de Trento e do Vaticano I, quer propor a verdadeira doutrina da revelação divina e de sua transmissão, para que, ouvindo-a, todo mundo creia; acreditando, espere e, esperando, ame”³².

Conclusões: *refundar as igrejas?*

Muitos fieis que eram de frequência semanal aos templos, agora somam dez meses de ausência e, os finais de semana com saídas, festinhas familiares e outras formas de distração, quase não se lembram mais do sagrado. Diante disso, impõem-se algumas questões: depois da pandemia, os cristãos voltarão às suas igrejas? O medo terá passado? Será que os pregadores terão a capacidade e disposição de sair em busca de ovelhas como nos tempos primitivos? Terão eles a consciência de que sua missão se reveste do caráter da aliança? Quais são os prognósticos de muitas igrejas: museus? Salas de exposição? Lugares turísticos?

Os *padres de sacristia e os bispos de reuniões* desembarcarão dessas “canoas” para ir à terra firme em busca de fiéis? Que tipo de ovelhas farão parte dos novos rebanhos? Os filhos das famílias católicas tradicionais não frequentavam as igrejas antes, especialmente por falta de habilidade e dedicação dos pastores. Algum deles decidirá frequentar os ambientes religiosos por livre e espontânea vontade? Muitas igrejas serão transformadas em museus e muitos pastores novos, mas com cabeça caduca, não encontrarão fiéis para segui-los.

A formação de padres e evangelizadores irá mudar? Em que? O clero com paramentos bizantinos terá consciência da diferença entre batizar e evangelizar? A pandemia vai exigir um novo nascimento da igreja e novas formas de formação clerical. Há um imperativo: conscientizar os novos discípulos e discípulas a oferecerem seus corpos como sacrifício na missão e um culto agradável a Deus na transformação da realidade (Rm 12,1-2).

Referências bibliográficas

BAUER, W. euangelizômai. In: *Wörterbuch zum Neuen Testament*, Berlin, W. Gruyter, 1971.

32. DV, 1, citando de modo livre St. AGOSTINHO, *De catechizandis rudibus*, 4,8. PL 40, 316.

BEAUCHAMP, P. *L'un e l'autre Testament*, vol. II: *Accomplir les Écritures*. Paris: Cerf, 1990.

BUIS, P. *La Notion d'Alliance dans l'Ancient Testament*. LD 88_(1976).

——— *La Nouvelle Alliance*. VT 18 (1968), p. 1-15.

CHOLEWINSKI, A. Zur Theologischen Deutung des Moabundes. *Bib* 66 (1985), p. 96-111.

DOCUMENTOS DO VATICANO II, *Evangelii Nuntiandi*. Roma: Libreria Editrice Vaticana/São Paulo: Paulinas, 16. ed, 1976.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Roma: Libreria Editrice Vaticana/ São Paulo: Paulinas, 2013.

GOPELT, B. pinô. In: *TWzNT*, v. VI. Stuttgart: 1959, p. 135-159.

HUMMELAUER, F. *Commentarius in Deuteronomium*. Paris: Cerf, 1901.

JOÃO XXIII, *Carta de convocação para o Concílio Vaticano II*, 25 de dezembro de 1961.

LOHFINK, N. Der Bundesschluss im Land Moab. *Redaktionsgeschichtliches zu Dt 28*. BZ 6 (1962), p. 32-55.

MALATESTA, E. *Interiority and Covenant*. AnB 69 (1978).

MAZZAROLO, I. *A Eucaristia: memorial da Nova Aliança. Continuidade e Rupturas*. São Paulo: Paulus, 2. ed., 2006.

——— *Primeira Carta aos Coríntios – Exegese e comentário*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 3. ed. 2013.

McCARTHY, D. *Treaty and Covenant*. (AnB, 21), 1963.

MENDENHALL, G. *Law and Covenant in Israel and the Ancient Near East*. Pittsburg: s/ed., 1955.

RENAUD, B. *Je suis un Dieu jaloux. Évolution sémantique et signification théologique de qine'ah*. Paris: Cerf, 1963.

ZORELL, F. *Lexicon Hebraicum et Aramaicum Veteris Testamenti Libros*. Roma: PIB, 1968.

Isidoro Mazzarolo
mazzarolo.isidoro@gmail.com / isidoro.mazzarolo@puers.br
www.mazzarolo.pro.br